

CADERNOS DE GEOGRAFIA

INSTITUTO DE ESTUDOS GEOGRÁFICOS
FACULDADE DE LETRAS · UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA 1997 N.º 16



M. J. P.

CATÁLISE DA IMAGEM DA CIDADE DE LISBOA: REABILITAÇÃO DAS FRENTES DE ÁGUA, OU O CONFRONTE URBANO-INDUSTRIAL*

Lucília Caetano**

RESUMO

A nova relação entre a indústria e o ambiente culmina com a renovação/reconversão e a recuperação urbana das frentes de água, que tinham sido, outrora, importantes entrepostos comerciais e industriais de nível internacional. Em Portugal a operação mais espectacular desenvolve-se na recuperação para a cidade de Lisboa de espaços situados na margem do Tejo, destinada em parte à construção da EXPO98. Trata-se de 310ha (4,7km de comprimento por 600 a 700 metros de largura), ocupados por cerca de 70 empresas, entre as quais se contavam 4 empresas petrolíferas, uma estação de tratamento de efluentes, um matadouro e um depósito de material de guerra, entre outras.

Este projecto inclui a construção de novas vias de acesso, a despoluição da rede fluvial e o ordenamento urbano, segundo a lógica de cultura urbana post-fordista orientada para a gentrificação e para a construção de uma nova imagem da cidade.

Palavras-chave: Reabilitação urbana; reabilitação das frentes de água; Lisboa Expo 98.

RÉSUMÉ

Le nouveau rapport entre l'industrie et l'environnement atteint son point le plus fort avec le renouvellement/réconversion et la récupération urbaine des fronts d'eau, qui avaient été autrefois d'importants entrepôts commerciaux et industriels de niveau international. Au Portugal l'opération la plus spectaculaire se développe dans la récupération pour la ville de Lisbonne d'espaces situés en bord de la rivière, destinés en partie à la construction de l'EXPO98. Il s'agit de 310ha (4,7km de longueur par 600 à 700 mètres de largeur), occupés par environ 70 entreprises, parmi lesquelles l'on comptait 4 entreprises pétrolières, une station de traitement des déchets, un abattoir et un dépôt de matériel de guerre, et d'outre encore.

Le project inclut la construction de nouvelles voies d'accès, la dépollution du réseau fluvial et l'aménagement urbain, d'accord la culture urbain post-fordiste orientée pour la gentryfication et pour l'obtention d'une nouvelle image de la ville.

Mots-clés: Renouvellement urbain; récupération des fronts d'eaux; Lisbonne Expo 98.

ABSTRACT

The new relationship between industry and the environment is expressed in the urban renovation/reconversion and recuperation of waterfronts which were once important commercial and industrial centers of international significance. In Portugal, the most spectacular operation is in Lisbon and involves the recuperation of areas on the banks of the river Tagus, a part of which pertains to the construction of EXPO98. The area measures 310 hectares (4.7km in length by 600 to 700m in width), and was occupied by about 70 firms, among which are 4 oil firms, a station for the treatment of effluents, a slaughterhouse, and a military material depot, among others.

This project includes the construction of new access routes, depolluting the river, and urban planning, according to the logic of a post-Fordist urban culture geared toward gentrification and the construction of a new image of the city.

Key-words: Urban renovation; recuperation of Waterfronts; Lisbon Expo 98.

* Versão da comunicação apresentada no 28º Congresso Mundial da UGI, Holanda, 8-10 Agosto de 1996.

** Instituto de Estudos Geográficos. Faculdade de Letras. Universidade de Coimbra.

INTRODUÇÃO

Os novos modelos de produção e consumo post-fordistas marcados pela deslocalização e desindustrialização do capital e das actividades industriais reflectiram-se na cidade sobre aspectos diversos, incluindo a morfologia e as características dos espaços urbanos.

A reabilitação e renovação urbanas são uma resposta às crises produzidas pelos processos da transição económica.

A substituição de actividades industriais nos centros urbanos por um terciário de gestão e de decisão resulta no actual binómio centralidade/difusão que explica a evolução das cidades centrais nos últimos anos. Estas passam a integrar elementos novos, próprios da urbanização post-industrial: aglomerações terciárias, os macro espaços de ócio e consumo (*shoppings* e parques temáticos).

As políticas de desenvolvimento e renovação urbana em diferentes escalas, têm por objectivo a recuperação da centralidade e de uma nova dinâmica na atracção de investimentos.

As estratégias utilizadas adoptam propostas ecológicas, estéticas e operações de marketing urbano, dirigidas, em primeiro lugar, aos próprios habitantes.

A intervenção é justificada por 3 princípios fundamentais (RAMÍREZ, 1995):

- a negativização do passado industrial fordista
- utilização da ideia de crise urbana como justificação das grandes intervenções, pública ou privada
- cultura urbana post-fordista, com aceitação do grande projecto e da gentrificação.

A propósito da Exposição Mundial de 1998 decorre em Lisboa um ambicioso projecto de reconversão urbana, que seguramente marcará, em Portugal, este final de século.

Este projecto denominado Expo Urbe fará renascer a zona oriental de Lisboa, através de um completo e inovador empreendimento urbano. Numa extensão de 330 ha e 5 km de frente rio, é criada uma nova centralidade e, simultaneamente, devolve-se o rio à cidade.

1 - GESTÃO URBANA POST-INDUSTRIAL

Lisboa cresceu até finais do séc. XIX ao longo da extensa e estreita faixa ribeirinha. O prolongamento para o interior, através de alguns vales, adensou o processo. A indústria, por sua vez, acompanhou a extensão portuária. Desta localização resultou uma cidade de costas vol-

tadas ao rio Tejo. A frente de água foi sendo preenchida por fábricas e armazéns, e, ao mesmo tempo que se isolava da urbe, constituía um muro inestético. O crescimento do porto e conseqüente atracção de actividades portuárias, a construção da linha ferroviária e da estrada marginal reforçou a barreira entre o rio e a cidade (Fot. 1).



Fot. 1 - A actividade portuária domina a frente de água
(Fonte: Jornal *Expresso*)

Entretanto, após os anos 70, o sector industrial afunda-se na crise, ou adapta-se, mediante deslocalização aproveitando preços de solos mais baixos e segmentos de sub-emprego.

Acresce, que a década de 80 ficou marcada pelo reforço da terciarização e despovoamento da cidade, em resultado da intensificação da suburbanização. A população tem diminuído na cidade de Lisboa (17% entre 1960 e 1991), por efeito da deslocalização para a área envolvente, que no conjunto conheceu acréscimo de 48%, entre 1960 e 1991.

A terciarização tem-se acentuado na Área Metropolitana de Lisboa e, actualmente, emprega 70,4% da população activa, enquanto o emprego na indústria passa de 32,4% em 1960 para 26,9% em 1991 (Quadro I).

Quadro I - Indicadores de Evolução, 1960/91

		1960	1981	1991
Densidade	Lisboa	9573,2	9641,3	7916,4
Populacional	Área Metrop.	501,3	750,9	743,1
População	Lisboa	802230	807937	663394
Residente	Área Metrop.	1382555	2069467	2048180
Pop. idosa (65 e mais)%	Lisboa	9,3	14,3	18,8
	Área Metrop.	8,3	10,4	13,0
Emprego	Lisboa	31,9	25,4	20,0
Indústria%	Área Metrop.	32,4	32,7	26,9
Emprego	Lisboa	66,9	74,1	79,5
Serviços%	Área Metrop.	53,6	62,9	70,4

Fonte: MQE (Ministério para a Qualificação e Emprego)

1.1. A renovação urbana na frente de água

A renovação urbana, lenta e pontual ou rápida e global não é fenómeno, exclusivamente, recente. No entanto, ganhou fôlego nas últimas décadas, em função de uma dinâmica que se desencadeia nos Estados Unidos, após os anos 60 e se difundiu na Europa 20 anos mais tarde.

A sociedade post-industrial (D. BELL, 1973) identifica-se pela nova estrutura social, económica e política

que decorre do declínio da produção e do emprego industrial na cidade, e da relativa compensação pelo rápido crescimento da economia dos serviços baseados na informação.

Neste modelo urbano o consumo domina a produção (SMITH; WILLIAMS, 1986): são os espaços de entretenimento, restaurantes marcados pelo novos gostos da moda, do design, num estilo internacionalizado, as novas tecnologias, as redes de informação, criando cenários da cidade do futuro.

A reconversão das zonas portuárias e ribeirinhas tornou-se moda na década de 80/90, constituindo, as operações de renovação urbana, as mais importantes.

O passado urbanístico e as instalações industriais obsoletas são negativizadas, problematizando, desta forma, o espaço urbano correspondente.

A área portuária/industrial é reconvertida em espaço para ócio metropolitano e gentrificado, com instalação de padrões de alto consumo (Quadro II).

Neste processo de renovação o sector público funciona como alavanca (procurando investir o mínimo) para estimular a iniciativa privada. Esta acaba, em regra, por ser a beneficiária, liderando o processo de reconversão (orientado no sentido da obtenção de lucros mais substanciais), enquanto o sector público suporta os custos mais elevados da operação, em resultado da construção de diversas infraestruturas.

Em Lisboa, a conservação e reabilitação do centro histórico, as realizações no âmbito da EXPO98 e a recuperação das frentes de água constituem a macro-operação para construir a nova imagem da cidade (Fig. 1 e Fot. 2).

Quadro II - Processo de intervenção nos centros urbanos

Responsáveis pelas acções de renovação	Parcerias públicas e privados
Imagem urbana	Renascimento e revitalização Novo estilo de vida urbano Novas infraestruturas
Terciarização	Empreendimentos multifuncionais Património com interesse turístico Recreação Habitação Comércio Artes
Consequências sócio-espaciais	Reciclagem urbana Habitação para classes médias e médias altas

Fonte: Adaptado de SMITH *et al.* (1994, p.175)



Fig. 1 - Áreas de intervenção nas frentes de água
(Fonte: BARATA, 1993, p. 130)

1.1.1. Modelo de intervenção na EXPO98

A área de intervenção correspondente à EXPO98 está sujeita a um modelo semelhante, ao que foi aplicado na reconversão das antigas docas e da faixa industrial dos portos ingleses. A complexidade do processo e a grande envergadura financeira e imobiliária, conduziu a Administração Central a tomar a iniciativa de intervenção,

criando para o efeito, empresas públicas (*Docklands Corporations* no Reino Unido). Estas, por sua vez, podem delegar em empresas privadas (ou trabalhar em parceria) a promoção e lançamento da reconversão das frentes de água. Esta foi a solução encontrada, para a intervenção na área correspondente à realização da EXPO98, entre Olivais e Sacavém.

Este tipo de intervenção urbanística, facilmente, se torna conflituosa. São conflitos gerados entre departamentos governamentais e entre objectivos comerciais e sociais, onde à ideia de renovar se opõe a de conservar. São, ainda, conflitos de jurisdição e problemas de propriedade.

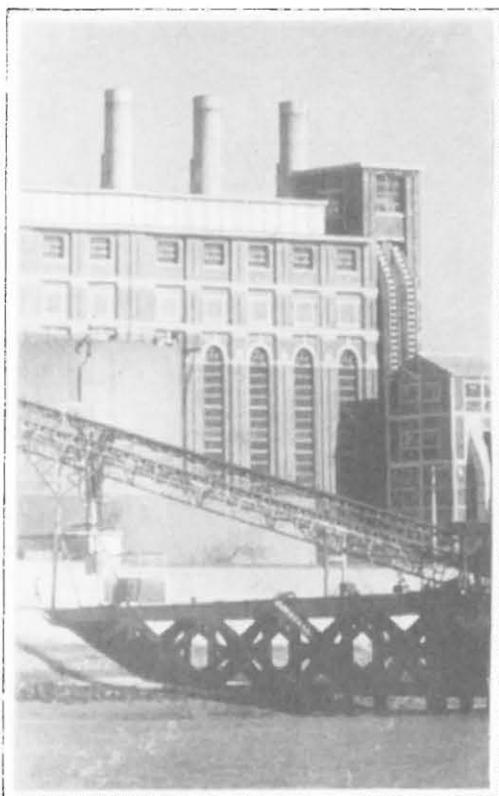
Em França nos exemplos de intervenção de grande envergadura, com objectivos idênticos, tem sido prática a constituição de parcerias envolvendo as instituições gestoras dos Portos, as autoridades municipais, a comunidade urbana e as Câmaras do Comércio e da Indústria.

Entretanto, a reabilitação das docas e edifícios do Porto de Lisboa, sob jurisdição da Administração do Porto de Lisboa foi liderada pelo sector privado, após cedência de espaços e de património construído desactivado. Os velhos espaços industriais e serviços portuários (armazéns) são reconvertidos para grandes espaços lúdicos, culturais e pedonais. Discotecas, restaurantes e museus da indústria (ex: Central Tejo - Fot. 3 -, que abasteceu a cidade de energia) vão surgindo no bairro marginal oeste, e as velhas docas dão lugar à náutica de recreio.



Fot. 2 - A Zona de Intervenção da EXPO URBE

A - Situação anterior (Fonte: Jornal *Expresso*, Foto de Rui Ochôa)



Fot. 3 - Central Tejo (Museu da Indústria)

Entretanto, a função portuária de Lisboa, manter-se-á, apesar de, na sequência da execução da EXPO98 e do POZOR (Plano de Ordenamento da Zona Ribeirinha), subsistirem receios do real declínio do porto de Lisboa.

Com efeito, o tráfego tem vindo a decrescer na ordem dos 3% ao ano, no movimento de granéis sólidos e líquidos, restando a expectativa de expansão do tráfego de contentores. Esta evolução justifica a construção das infraestruturas modernizadas e interligadas com os acessos rodo-ferroviários projectados para a área.

2 - ZONA DE INTERVENÇÃO EXPO98

2.1. Actividades existentes e ordenamento do espaço anterior

Uma área de cerca de 330 ha, que constitui a maior intervenção urbanística realizada em Portugal, numa zona industrial, sendo próxima das dimensões das superfícies intervencionadas noutros países.

Desta área, 160 ha constituem Domínio Público do Estado, através da jurisdição da Administração do Porto de Lisboa. E da restante, extensas parcelas haviam sido vendidas a empresas petrolíferas (que ocupam 60 ha), ou cedidas em regime de licença, concessões, etc. (Quadro III), sem que tivessem obedecido a qualquer plano de ordenamento. Disto resultou um conjunto numeroso de empresas com actividades diversificadas: parques de contentores, reparação e operações de grupagem de contentores, armazéns, fábricas de preparação de massas de betão, terminais de transportes, reparação naval, terminais de descarga de areias... (Quadro IV e Fig. 2). As operações portuárias restringiam-se às realizadas pelas empresas instaladas (combustíveis, no Cabo Ruivo e areias).

Quadro III - Vínculo ao terreno

Terrenos desafectados do domínio público		Terrenos próprios	Propriedade pública	Aluguer	Associadas a outras
Licenças anuais	Concessões				
33	6	12*	4	55	7

* Empresas de maior dimensão

Fonte: Plano de Urbanização da ZI da EXPO98.

Quadro IV - Estabelecimentos e emprego, segundo o ramo de actividade

	Indústria	Parques de contentores	Armazéns	Comércio	Transportes	Transitários	Outra actividade	TOTAL
Est.	34	6	17	23	17	8	11	116
Emp.	1030	262	375	365	551	63	449	3095

Fonte: Plano de Urbanização da ZI da EXPO98.

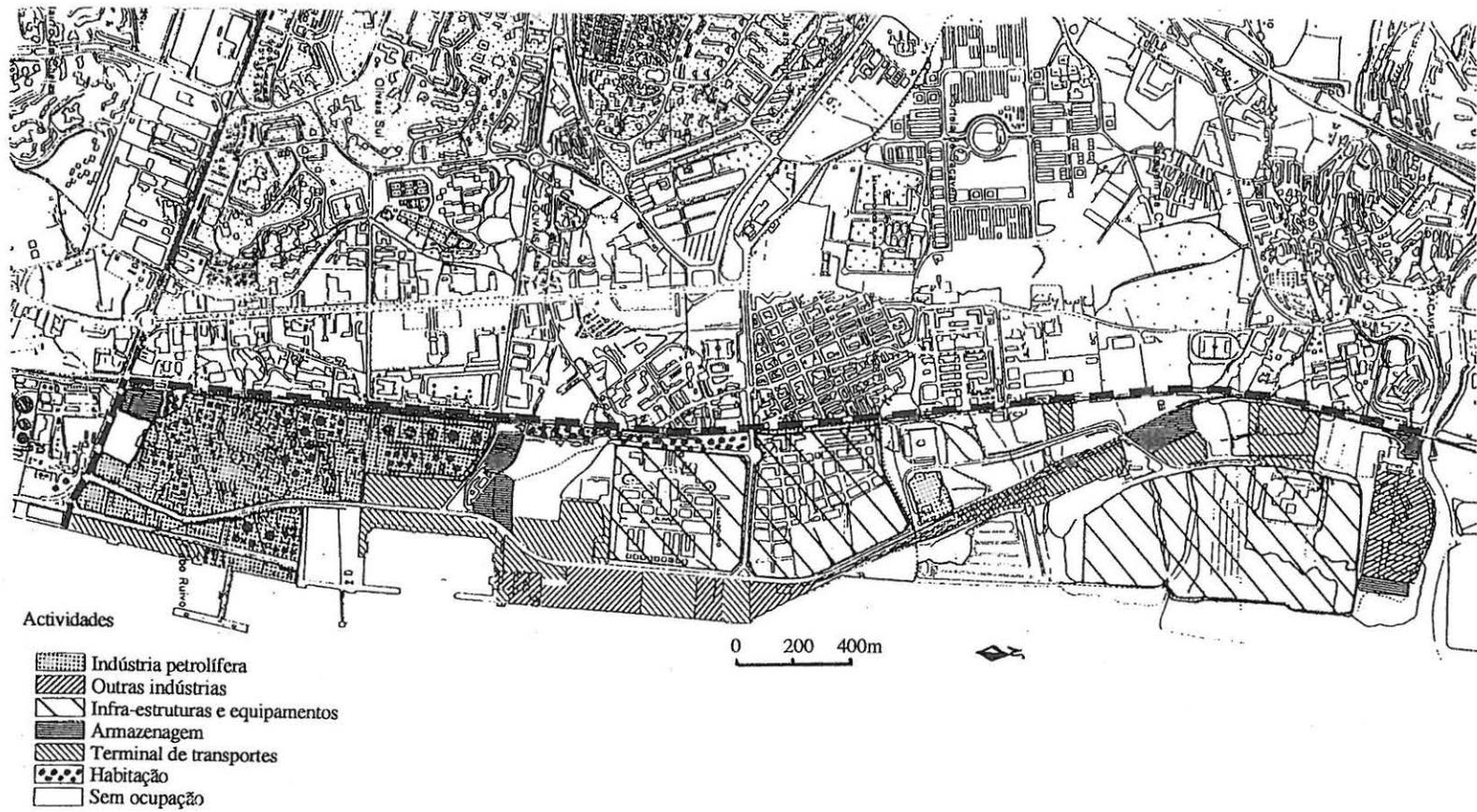


Fig. 2 - Principais actividades instaladas na área de intervenção da EXPO URBE

(Fonte: BARATA, 1993, p. 142)

Em 11 ha, de propriedade privada, concentravam-se cerca de 60 empresas: pequena indústria e armazenagem.

Quando o projecto de intervenção na área é lançado, a generalidade das fábricas acusava declínio da actividade. Com efeito, após os anos 70 as indústrias químicas, construção naval, óleos alimentares, entre outras, evidenciam sinais da crise. Encerramento, reestruturação através da redução drástica de postos de trabalho, são práticas correntes que denunciam a falência do modelo económico industrial posto em prática na Área Metropolitana de Lisboa.

2.2 - Conflitos

A desactivação desta área colocou problemas de vária natureza:

- *Relocalização das empresas petrolíferas* com custos na ordem das dezenas de milhões de contos.

Note-se, no entanto, que estava previsto o desmantelamento da Refinaria de Petróleo do Cabo Ruivo, tanto mais que a fábrica, exclusivamente, refinava fuel. A intervenção da EXPO98 apenas antecipou esta operação.

- *Construção de novas unidades* para o Matadouro (3 a 4 milhões de contos) e para a Central de Tratamento de Resíduos Sólidos (incineradora, 25 a 30 milhões de contos)

- *Indemnizações* que somam cerca de 3 milhões de contos.

As empresas desalojadas e reinstaladas (17,9%), privilegiaram, a Área Metropolitana de Lisboa. Estas empresas procederam, entretanto, à reestruturação, que se traduziu em redução do emprego, entre 10 e 15%.

Porém, a maioria das empresas cessou a actividade.

Para além das questões técnicas e financeiras colocam-se, ainda, problemas relacionados com o ordenamento do território e que acompanham as *relocalizações das pequenas empresas*. Situação que não tem sido devidamente equacionada. Casos há, inclusivé, em que não foi encontrada alternativa de relocalização (manuseamento e armazenagem de contentores).

- *Descontaminação dos solos* (50 ha) ocupados pelas instalações petrolíferas a laborar no Cabo Ruivo, a fim de os recuperar. Esta operação tem gerado grande polémica, devido aos riscos de poluição, nos aterros improvisados para descarga dos materiais, incluindo lamas, impregnadas de hidrocarbonetos.

2.3. Vantagens acrescentadas

Indiscutivelmente, esta Zona de Intervenção potencia a criação de vantagens, a diferentes níveis, mobilizadoras

de sinergias com amplas repercussões. Neste âmbito, destacam-se as novas centralidades na cidade de Lisboa e na Área Metropolitana, as elevadas economias externas decorrentes da qualidade infraestrutural em acessos viários, incluindo a nova ponte (Vasco da Gama), ligando as duas margens do Tejo, e em telecomunicações avançadas, a qualidade de vida urbana e a qualidade ambiental de níveis superiores. Note-se, que neste caso, a qualidade ambiental, anterior à intervenção, apresentava níveis muito baixos, resultantes do desordenamento no uso dos solos, da contaminação (poluição industrial e urbana) das águas, lamas e lodos dos rios Tejo e Trancão, contaminação do ar (refinação de petróleo) e intensidade de ruídos (manuseamento portuário-contentores e caminhos de ferro).

2.4. Economia induzida pela EXPO98

Em 1998, um terço (27%) do crescimento anual do PIB será criado pela EXPO.

No entanto, na execução da construção da EXPO, estudos e projectos, há a assinalar, que 73,5% das empresas envolvidas, são estrangeiras. Estas apresentam-se, quer isoladas, quer constituindo consórcios com outras empresas estrangeiras, e nalguns casos com empresas nacionais. Situação que resulta da pequena dimensão económica e técnica, das empresas nacionais.

Genericamente, os efeitos, na Área Metropolitana de Lisboa, sentir-se-ão a nível do investimento imobiliário à semelhança de outras cidades, alvo de reabilitação urbana (Vancouver, EXPO86; Barcelona, 1992 com os Jogos Olímpicos), da produção industrial, dos serviços (as infraestruturas viárias construídas criarão melhores condições de acessibilidade) e, ainda, da projecção na cena internacional.

Criam-se, deste modo, expectativas de reanimação do mercado imobiliário de escritórios, para Lisboa, onde a oferta é excedentária e consequente degradação dos preços por m² (Fot. 4).

Segundo o Plano de Urbanização da Zona de Intervenção da EXPO98, o uso do solo seguirá os parâmetros constantes no Quadro V.

Por sua vez, a projectada multifuncionalidade da EXPO URBE será geradora de novos empregos, em resultado do diversificado uso do solo: indústrias utilizando novas tecnologias, actividades de investigação e desenvolvimento, terciário não banal, serviços avançados para apoio às empresas, equipamentos públicos, zonas de recreação, marina, habitação de nível superior (a VILA URBE, como era esperado, está a gerar interesse junto da população jovem, com grau de instrução e rendimento acima da média), um hospital privado, um Centro



Fot. 4 - Promoção Imobiliária de escritórios na EXPO URBE
(Fonte: Parque EXPO98, Desenvolvimento e Promoção Imobiliária S.A.)

Quadro V - Plano de Urbanização da Z.I. da EXPO98; Síntese de áreas e índices

Total da área da Zona de Intervenção	3 502 700m ² (100%)
Total da área de terreno edificável da ZI	1 251 175m ² (36%)
Total da área de terreno não edificável da ZI	2 251 525m ² (64%)
Total da área de pavimento edificável	2 460 000m ²
Índice de utilização global	0,70%
Índice de utilização líquida	0,92%
Índice de espaço público	0,56%

Fonte: Plano de Urbanização da Z.I. da EXPO 98. Peças Escritas. Relatório.

Ed. Parque EXPO 98 S.A., pág. 72.

Comercial, hotéis, sedes de empresas, escolas de ensino básico, Escola Superior de Saúde, residência universitária, Centro de Formação Profissional e Parque Urbano. Esta constituirá uma nova zona da cidade de Lisboa.

Atendendo a pluralidade de funções urbanas a concentrar na área e os índices urbanísticos de qualidade "admite-se uma população residente entre 20.000 a 25.000 habitantes e cerca de 18.000 empregos locais" (*Plano de Urbanização da ZI*, p.60).

O funcionamento da própria EXPO gera apreciável número de postos de trabalho, directos e indirectos.

Com efeito, são diversificados os serviços a prestar aos participantes oficiais, que envolvem empresas nacio-

nais (sede ou filial localizada em Portugal, de acordo com os termos da candidatura ao concurso aberto em Março de 1997 pelo Parque EXPO98, SA):

- Projectos de arquitectura de interiores e especialidades;
- Gestão de obras de execução e montagem de exposições;
- Fiscalização de obras de execução e montagem de exposições;
- Execução e montagem de exposições;
- Serviço de Relações Públicas;
- Tradução e intérpretes;
- Artes Gráficas: design, produção, sinalética;

- Audiovisuais (som e/ou imagem)/multimédia: equipamento e produção;
- Produção de modelos e maquetas;
- Mobiliário e equipamento de escritório;
- Produção de espectáculos;
- Manutenção de equipamentos;
- Trabalho temporário;
- Limpeza;
- Equipamentos de restauração.

Acresce, ainda, que este acontecimento cultural arrasta, por efeito de indução, o desenvolvimento, a nível nacional, das indústrias da cultura.

Para além disto, este espaço lúdico, que inclui equipamentos culturais e recreativos, permanecerá após o encerramento da Exposição e continuará a atrair população para esta zona ribeirinha: Oceanário, Pavilhão Multiusos, que será o novo Centro de Exposições Internacionais (FIL), e o Pavilhão de Portugal.

Estes grandes equipamentos atrairão, a médio prazo, entre 1,5 milhões de visitantes/ano, no caso do Oceanário e 2 milhões de visitantes/ano para o Centro de Exposições. Assim, Lisboa, potencia-se como um destino turístico.

O exemplo de Sevilha, onde o sítio da EXPO restou sem vida, forneceu ensinamentos. Daí que o modelo seguido tenha sido o de Barcelona.

À semelhança do que se tem observado nas cidades que recentemente têm acolhido grandes Eventos Internacionais, Lisboa é valorizada nas seguintes vertentes:

- crescimento físico de qualidade, irradiando da Zona de Intervenção da EXPO, para Norte e Leste;
- criação de infraestrutura viária adequada, tanto na rede interna da cidade, como na ligação à rede viária regional e nacional;
- recuperação do património arquitectónico público e privado e qualificação do centro histórico.

A estas acções de grande vulto juntam-se acções urbanísticas de pequena intensidade, mas com forte impacto socio-económico, como seja o reforço da segurança, a limpeza, manutenção dos jardins, entre outras.

Em suma, a desorganização e decadência que caracterizava a Zona de Intervenção dá lugar à imagem de modernidade e progresso que a EXPO permitirá projectar.

Tal como o Projecto Barcelona 92, Lisboa procura tirar partido da realização da EXPO98 ao relacionar a revitalização e reconstrução com a conquista dum novo espaço urbano (igualmente foram usados os dois elemen-

tos fundamentais de planificação: o uso do solo e o traçado viário) e a produção de *imagem de marca* e promoção internacional.

E ao invés do que se observou, por exemplo, em Sevilha, onde as obras executadas beneficiaram mais o visitante eventual, as obras em Lisboa vão ser usadas pelo cidadão lisboeta.

2.5. Custos da Renovação

2.5.1. Orçamento

Apesar de se fazer crer que o processo de renovação é liderado pelo sector privado, os exemplos conhecidos mostram que dois terços dos custos totais são suportados pelo sector público. Idêntica situação se verifica em Lisboa.

O Quadro VI exemplifica o orçamento da Zona de Intervenção. No entanto, os valores apresentados sofreram acréscimo de cerca de 13% ao longo de 1996 e, no início de 1997, o Governo declarou que as despesas ascendiam a 403 milhões de contos, enquanto as receitas somavam, apenas, 343 milhões de contos. Anuncia-se, deste modo, um défice significativo neste empreendimento, no curto prazo.

Porém, os valores, estimados, não contemplam os gastos realizados na cidade, de carácter municipal e estatal, e que contribuirão para melhorar as infraestruturas da cidade e da região, no contexto do evento. Neste âmbito, incluem-se a nova ponte que liga as duas margens do Tejo e respectivos acessos, a ampliação da rede do metropolitano, a reestruturação da rede ferroviária regional e os grandes eixos viários que se ligam à cidade.

Apesar da dimensão financeira desta intervenção, inquéritos à opinião pública (Janeiro de 1996; in *Boletim Mensal da EXPO*, Abril) mostram concordância com a EXPO98 (86% dos inquiridos) e, também com a localização em Lisboa (64%).

As entidades promotoras da intervenção esperam que a renovação funcione como catalizador da mudança e gere efeitos de crescimento sustentados no tempo.

Trata-se de transformações que transcendem a cidade de Lisboa, ao potenciarem variadas hipóteses de desenvolvimento social e económico da região.

Para estas áreas renovadas são canalizados investimentos avultados e provenientes de grupos financeiros internacionais.

Restará, assim, a expectativa de um saldo final positivo.

Quadro VI - Orçamento da Zona de Intervenção da EXPO98
(milhões de contos)

Projectões	
Despesas	
Expropriação e realojamento	42,0
Construção no recinto da EXPO	75,0
Realização da EXPO	50,9
Encargos com financiamento	42,0
Outras despesas	45,8
TOTAL	255,4
Receitas	
EXPO98	62,0
Venda de produtos imobiliários e concessões	131,0
Renda da ocupação de espaço	10,2
Fundos Comunitários	20,4
Financiamento do Estado	17,5
Outros	15,5
TOTAL	256,6

Fonte: Adaptado de Jornal *Público*, de 7 de Abril de 1996, p. 3

2.5.2. Afectação social

A recuperação das áreas portuárias e degradadas conduz a uma profunda transformação, dos padrões de ocupação dos estratos sociais (rendimento, categorias profissionais, níveis de escolaridade) e etários da população.

Nesta área, sujeita à intervenção urbanística, existem Bairros ribeirinhos que alojam uma população envelhecida e com carências económicas. Esta população residente será *expulsa* por não ter, no novo modelo de urbanização, condições económicas para aí se manter.

Em termos do emprego, as novas actividades requerem pessoal altamente especializado, facto que conduz ao agravamento dos níveis de desemprego que já anteriormente se registavam. O trabalho de estiva e o de operário não especializado é de difícil reconversão, conjugado com escalões etários elevados.

Após a intervenção, vão implantar-se, preferencialmente, terciário sofisticado, comércio de luxo, unidades industriais não poluentes baseadas em tecnologias de ponta, equipamentos culturais e de lazer associados ao turismo, e função residencial de alta qualidade, beneficiando do prestígio da localização (frente de água).

Assim, apesar dos benefícios reverterem para a população em geral, os usufrutuários não vão ser os mesmos. Opera-se o fenómeno da *gentrificação*, ou seja a recuperação do espaço pelas classes sociais mais abastadas e grupos etários mais jovens, ligados às actividades financeiras, gestão, domínio empresarial e às novas tecnologias (os *Yuppies* e *Dinkies*).

CONCLUSÃO

A desindustrialização, embora tenha afectado a cidade de Lisboa, não atingiu a dimensão de outras capitais. Uma situação que a tardia e lenta industrialização do País explica. No entanto, a renovação das instalações portuárias libertou espaço. Possibilitando, deste modo, a criação de uma nova imagem para a cidade e devolvendo a zona ribeirinha à cidade, seguindo o modelo actual da estruturação do espaço urbano.

O relançamento das cidades correlaciona-se com as transformações tecnológicas que alteraram a centralidade, por efeito dos sistemas de informação mais avançados.

A sociedade post-industrial interligada com a internacionalização da economia e do trabalho, a abertura de novos mercados, a redução dos custos de transportes, a redefinição dos valores do consumo, o lazer e a qualidade da habitação, destrona os tradicionais modelos da estrutura urbana e promove a emergência duma nova forma de acumulação capitalista.

Os modelos de renovação colocam, entretanto, várias interrogações:

- a quem serve a transformação urbana?
- como gerir a divisão social do espaço?
- a parceria, novo movimento do urbanismo?
- como dimensionar as operações de reconversão, a fim de controlar os efeitos induzidos?
- quem define a forma urbana?

Em suma, o perfil de cidade, feito à imagem do habitante urbano post-industrial expulsará as populações inadaptadas, ao mesmo tempo que modelará hábitos e comportamentos dos usuários desta cidade renovada, igualados nos padrões de consumo, onde a cidade vale pelas imagens que transmite.

BIBLIOGRAFIA

- BARATA, Hermínio Dias (1993) - *O porto de Lisboa. O porto, a economia regional e o território*. Ed. mimiogr., Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- CARMO, António Inácio Pinheiro do (1995) - *Matosinhos Sul: Que imagem para uma operação de catálise urbana?* Ed. mimiogr., Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- Departamento de Estatísticas do MQE* (Ministério para a Qualificação e o Emprego).
- Informação EXPO, Lisboa 98*. Boletim da Exposição Mundial de Lisboa 1998, ed. mensal.

Jornais *Expresso e Público*.

Plano de Urbanização da ZI da EXPO98. Relatório, 18 de Maio de 1994, ed. Parque EXPO98 S.A..

MUÑOZ RAMÍREZ, F. Manuel (1995) - "La ciudad en crisis. Rehabilitación y proyecto urbano en Barcelona, 1980-1995". *Cambios regionales a finales del siglo XX*. Actas del XIV Congreso Nacional de Geografía, Salamanca, 5-8 diciembre 1995, pp. 398-401.

BENACH ROBIRA, Núria (1993) - "Producción de imagen en la Barcelona del 92". *Estudios Geográficos*, Ed. Instituto de Economía y Geografía Aplicadas, Madrid, Liv. 212, Julio - Septiembre 1993, pp. 483 a 505.

ROBIRA, Rosa e TELLO, I. (1993) - "Barcelona post-Olímpica: de ciudad industrial a escenario de consumo". *Estudios Geográficos*, Ed. Instituto de Economía y Geografía Aplicadas, Madrid, Liv. 212, Julio - Septiembre 1993, pp. 507 a 520.

FERNÁNDEZ SALINAS, Víctor (1993) - "Las grandes transformaciones urbanas de Sevilla durante los años previos a la Exposición Universal". *Estudios Geográficos*. Ed. Instituto de Economía y Geografía Aplicadas, Madrid, Liv. 212, Julio - Septiembre 1993, pp. 387 a 407.

SHURMER-SMITH, Louis e BURTENSHAW, David (1994) - "Degradação e rejuvenescimento urbanos". PINDER, David - *Europa Ocidental. Desafios e mudanças*. Ed. Celta, pp. 163 a 184.